

CARLOS COUTINHO

(Fornelos, 22/08/1943)

Carlos Alberto da Silva Coutinho é jornalista e escritor. A sua vida pessoal e profissional estão marcadas pela sua militância no Partido Comunista Português (PCP) antes do 25 de Abril, envolvido, como estava, na resistência contra o «Estado Novo» de António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

Frequenta o seminário diocesano de Vila Real durante quatro anos, mas interrompe os seus estudos, optando pela vida laica. Diplomado pelo Magistério Primário, exerce a actividade docente durante algum tempo. Entretanto, é incorporado no exército e mobilizado no contexto da guerra colonial. Colocado em Moçambique, serve como enfermeiro militar de Neuropsiquiatria, acabando, contudo, por aderir à luta clandestina local contra o colonialismo e o fascismo. Em 1969 regressa a Lisboa, onde começa a sua carreira no jornalismo, intensificando o seu empenhamento na oposição ao regime. No dia 22 de Fevereiro de 1973 é preso pela PIDE sob a acusação de pertencer ao PCP, nessa altura ilegal, vindo a ser libertado na sequência da Revolução dos Cravos, logo no dia 26 de Abril de 1974, o que, aliás, ocorreu com todos os outros presos políticos. A sua actividade principal está ligada ao jornalismo.

Quanto à dramaturgia, é numa peça juvenil em dois actos, *Neve*, publicada em 1965 e assinada Carlos Alberto, que revela o seu fascínio pela escrita teatral. A ela regressa, consolidando-a, a partir de 1970, data de readacção do «pretexto literário para o teatro» *O herbicida*, editado em 1972, que conjuga elementos dramáticos absurdistas com intuítos de intervenção.

Em 1972 redige *A perda da reputação*, peça entretanto desaparecida, e em 1973 é a vez de *A última semana antes da festa*, editada em 1974. É este o seu texto teatral mais conhecido e divulgado, traduzido e publicado noutras línguas e países. Terá saído em revista / livro (em russo: Moscovo, 1977, tradução de Anatolii Kuprikov; em castelhano: La Havana e América Latina [?], 1977 [?], por iniciativa de Rogério Paulo*), bem como em volumes antológicos (em alemão: Berlim, 1978, organização de José Luís de Freitas Branco; húngaro: Budapeste, 1980, org. John Benyhe; italiano: Roma, 2001, org. Sebastiana Fadda). Na Alemanha, a partir desta peça foi realizado um espectáculo para televisão com a duração de quatro horas, pois devido à falta de espartilhos nas parcas didascálias, houve a transposição para o écran como se de um guião cinematográfico se tratasse. Em Portugal estreou mais de 20 anos depois da escrita (Teatro da Malaposta, 1995, encenação de Mário Jacques). Trata-se de «uma alegoria sobre o modo como se sobrevivia (se sobrevive?) num espaço asfixiante, policiado e censurado. Um fascismo de inspiração católica, inquisitorial, onde o mínimo desejo é reprimido, onde paira o medo de falar, onde o mínimo gesto é registado para ser devidamente castigado [...]» (Gomes 1995: 2). Um tempo e um lugar concentracionários, em que as personagens se aguentam como podem, resistindo umas poucas, resignadas, outras, cúmplices do sistema as demais.

A denúncia de políticas e sociedades disfuncionais marca a produção dramática de Carlos Coutinho até finais da década de 70, depois da qual passa a dedicar-se a outros géneros literários mais ligados à profissão de jornalista.

Antes disso, cinco peças em um acto foram reunidas e publicadas na colectânea *Teatro de circunstância* (1976): *O cartão*, *A teia*, *O telefonema*, *Ritual* e *Amanhecer*. Duas delas tiveram uma carreira em palco. *A teia* é representada em 1977 pelo Teatro Experimental do Porto e, em 1990, pelo Teatro em Movimento, cujo espectáculo é levado em digressão pelo país, participando depois no Festival de Théâtre Portugais de Aubervillier; foi ainda à cena em algumas iniciativas de teatro amador. A estreia de *O telefonema* ocorre em 1979 pelo Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã. Em 1980 ambas são editadas em húngaro.

O propósito de examinar situações específicas numa perspectiva histórico-dialéctica permanece e é evidente nas peças redigidas a seguir – *A estratégia do cinismo* e *O jantar do comissário* –, saídas numa publicação conjunta em 1977 e levadas à cena nesse mesmo ano: a primeira pelos Bonecreiros; a segunda pela Barraca, integrada com *O telefonema* e outros textos de vários autores no espectáculo *Ao qu'isto chegou*, tendo sido inclusive objecto de análise de uma tese de licenciatura defendida na Bélgica.

No final da década de 70 escreveu ainda *O depoimento da família Martins* (1978; Grupo de Teatro Projector, 2015) e *Homem certo em casa certa* (1979, encomenda da Secretaria de Estado da Cultura; representada pelas companhias independentes Teatro Construção e Teatro de Ensaio Transmontano, 1980). A sua publicação em volume sairá em 2011. Neste ano, o Teatro de Ensaio do Barreiro propõe o espectáculo *Uma noite com Carlos Coutinho* composto pelas peças *O telefonema* e *O jantar do comissário*.

O teatro deste dramaturgo resgata casos, vicissitudes e elementos de um quotidiano intolerável e incompatível com o respeito pela dignidade humana, visando uma revisão transformadora da realidade. Assim, estados de opressão, controlo, intimidação, desconfiança e medo, instalados para manipular a sociedade em sentido lato e os seus microcosmos germinais – como podem ser o núcleo familiar, o meio laboral e os espaços de convívio – devem ser combatidos com a arma das palavras que correm dos actores até aos espectadores, espalhando-se de boca em boca e convidando à reflexão e à emancipação,

A militância político-literária do dramaturgo abrange ainda outros géneros, mais ligados à sua actividade jornalística, de que resultaram *Recordações da casa dos mortos* (1976) e *No país da alegria* (1976), bem como as novelas *Uma noite na guerra* (1978), *O que agora me inquieta* (1985; também traduzida e editada nos Estados Unidos) e *Os duros dias* (2001).

* Informações fornecidas pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Carlos (1999). Entrevista e carta pessoal endereçada a Sebastiana Fadda. Lisboa. 10 de Janeiro.

GOMES, Manuel João (1995). «O último dia antes da festa, na Malaposta. O regresso do teatro político» in *Público*. 7 de Junho, suplemento Zoom.

REBELLO, Luiz Francisco (1984). *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora.

SERÓDIO, Maria Helena (2004). «Dramaturgia» in Fernando J. B. Martinho (coord.). *Literatura portuguesa do século XX*. Lisboa: Instituto Camões. Coleção Cadernos Camões, pp. 95-141.

Este texto é a versão revista, em português e em dia, da ficha bio-bibliográfica de Carlos Coutinho editada in: Sebastiana Fadda (a cura di), *Teatro portoghese del XX secolo*, Roma, Bulzoni Editore, 2001, que inclui a tradução integral da peça *L'ultima settimana prima della festa*.

Sebastiana Fadda